

Responsavel  
Ernesto Antonio de Freitas

ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 1\$200  
Semestre . . . . . 600

Africa e Brazil

Anno . . . . . 2\$500 (fortes)  
Semestre . . . . . 1\$500

Pagamento adiantado

PUBLICA-SE  
AOS DOMINGOS

Redacção e administração,  
R. do Sol, 10—AVEIRO

# JORNAL DE AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

A temperança, a honestidade, o amor do bem publico, o desinteresse, que são virtudes excolitas n'uma côrte, desenvolvem-se naturalmente n'um solo democratico.

LORD BROUGHAM.

Officina de impressão  
Rua do Sol, n.º 10—AVEIRO

PUBLICAÇÕES

2.ª pagina, linha. 50 réis  
3.ª » » . 30 »  
4.ª » » . 20 »

Annunciam-se todas as obras litterarias de que se receba um exemplar.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção, rua do Sol, n.º 10

AVEIRO, 19 DE FEVEREIRO DE 1899.

## O NOSSO JORNAL

Por motivos que não vem para o caso expôr, suspendemos por algum tempo a publicação d'este semanario que hoje completa o seu primeiro anno de existencia.

Anno de lucta pelo bem da nossa terra, onde procurámos semear moralidade e bons principios: anno de guerra ás ladrocinhas, ás infamias, á corrupção que campeia impávida nos arralaes da nossa circumscripção.

Pouco ou nada conseguimos, e a razão é obvia.

Hoje em dia, para se ser, é preciso ser ladrão, filho de ladrão ou de familia de ladrão. E' preciso ser corrupto, immoral, sem escrúpulos, sem dignidade, sem pundonor.

Quem assim não fôr, não vale. E quem tiver aquellas virtudes está ao abrigo de qualquer mal.

A desillusão é triste, mas chegámos a ella.

N'estas circumstancias, repetimos, conseguimos pouco ou nada, n'esta terra que ainda se não resolveu a correr com a cãlla mais desastrosa e prejudicial de que ha memoria. Isto materialmente.

Porque moralmente demascaramos os ladrões e mostrámos as ladrocinhas.

Isto que é pouco, ainda consola muito.

E com este consolo nos ficámos, até que possámos receditar o nosso semanario.

Com aquelle consolo só, não. Com mais alguma coisa: Odio e desprezo pelos blehezas, que o mesmo é dizer, pelos maiores trampolheiros do mundo.

Até qualquer dia.

## A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Continúa a celeuma em volta dos projectos do sr. ministro da guerra.

Como já dissémos, não damos importancia alguma á projectada reorganisação do exercito.

Quem escreve estas linhas sabe, muito melhor que a maior parte dos escrevinhadores que se atrevem a tratar do assumpto sem d'elle perceberem uma palavra, que á medida do sr. ministro da guerra ha de acontecer o mesmo que tem acontecido a quasi tudo que se vem decretando ha annos no sentido de instruir o exercito, ou de lhe melhorar as suas condições de organisação. Tudo tem sido uma mentira e essa mentira continuará.

Das medidas decretadas de 1890 até hoje só não tem sido mentira a reforma do Regulamento Disciplinar e do Codigo de Jus-

tiça Militar. Tambem não foi mentira o limite d'idade e a série d'escandalos postos em pratica pelo famigerado Pimentel Pinto para acelerar a propria promoção, que outra coisa não teve em vista esse homem, e, por isso, nos revolta vél-o hoje a apregoar interesses da patria e do exercito para combater as medidas do sr. Sebastião Telles.

O actual ministro da guerra não projectou uma obra perfeita e elle proprio o declara. Mas é evidente que teve boas intenções. Mas é certo que ainda não assignalou a sua passagem no poder por attentados á liberdade, como os do sr. Moraes Sarmiento, e por escandalos, como os do sr. Pimentel Pinto.

Foi o general Festas quem iniciou toda essa obra de despotismo, que se contém nos regulamentos e codigos em vigor. Foi o sr. Moraes Sarmiento quem a completou. O actual Regulamento Disciplinar é um attentado á dignidade dos officaes do exercito, contra as quaes foi pensado e prolongado expressamente. Os officaes do exercito, geralmente, nada estudam, nada leem, com coisa nenhuma se importam, nem mesmo com aquillo que mais directamente se prende com a sua dignidade e com os seus interesses. N'isso acompanham a corrente da nação, que é a mesma para todas as classes e gerarchias. A ignorancia é completa. O desprezo pelas coisas civicas é profundo. Sofre d'esse mal a nação inteira e por isso se afunda n'um lodaçal de torpezas. Porque se os officaes do exercito fizessem excepção á regra geral, se pensassem, se estudassem, o Regulamento Disciplinar, que foi feito só contra elles, o Codigo de Justiça Militar, que é uma monstruosidade, esses dois grandes attentados do sr. Moraes Sarmiento, bastantes para definir a intelligencia e o caracter d'um homem, nunca teriam sido postosem vigor.

A reorganisação do exercito do sr. Sebastião Telles tem defeitos, mas, ainda assim, é a melhor obra que se tem projectado, nos ultimos annos, sobre coisas militares. As suas bases principaes e fundamentaes são quasi todas necessarias e logicas. Contudo, boa ou má, é impraticavel, como tudo o mais que se tem decretado no mesmo sentido. E é impraticavel porque não ha effectivos. E não ha effectivos porque não ha dinheiro. Onde não ha soldados, inutil é pensar em reservas, em instrução, em organisação, em exercito, enfim. Por tanto, estar a invocar interesses da patria ou do exercito para combater as medidas do sr. Sebastião Telles, admittindo mesmo que fossem más, é estar a mangar com a tropa.

D'onde vem, então, tanta ber-rata?

Qual é a sua verdadeira origem?

Vem da inveja e dos interesses feridos.

Ha só um ponto em que a projectada reorganisação pôde ser praticavel: é aquelle em que tende a acabar com interesses illicitos e conezias condemnaveis. Ora, já porque nos revoltaram sempre todas as especulações, já pela natural irritação de vermos homens sem auctoridade, como o Pimentel Pinto e Moraes Sarmiento, a invocar principios, concordando em que ha varios defeitos no trabalho do sr. ministro da guerra, concordando em que, bom ou mau, esse trabalho é impraticavel sob o ponto de vista do levantamento do exercito e da defeza da patria, não deixamos de manifestar a nossa indignação contra a hypocrisia de todos os que apparecem em campo a combatel-o.

Sejam sinceros e, pela nossa parte, nada diremos então. Suba á tribuna o sr. Pimentel Pinto e tenha a franqueza de declarar que está pronto de invocar no ministerio da guerra um homem que, sem praticar escandalos, ousou ter a boa intenção de melhorar as condições da defeza nacional. Elle, Pimentel Pinto, que praticou todos os attentados contra a liberdade e contra os interesses legitimos de dezenas de officaes do exercito!

Declare o sr. Moraes Sarmiento na imprensa que, tendo consummado a obra de Pimentel Pinto, está minado dos mesmos sentimentos ruins contra o actual ministro da guerra.

Digam todos aquelles, que se vêem ameaçados nos seus interesses illegitimos, que querem a continuacão do actual estado de coisas, porque lhes convém. E se todos fizerem isso, nada teremos, pela nossa parte, a dizer.

Mas viem-nos com a farça dos interesses da patria e do exercito, mas terem a audacia de confessar que foram elles, regeneradores, elles, Pimentel Pinto e Moraes Sarmiento, que levantaram o nível do exercito, que o melhoraram sob todos os pontos de vista, é revoltante, e só pôde deixar silencio quem não tiver amor á verdade e á justiça.

Não damos valor nenhum, pelos seus resultados praticos, á obra do sr. Sebastião Telles. Não conhecemos este ministro, nem temos motivo algum para o defender, e não defendemos. Mas manifestamos, como sempre, a nossa indignação contra tudo que se nos afigura hypocrisia, falsidade, ruim inveja ou mentira.

Apparece nas regiões do poder um tratante, um farçante, um insignificante, um caceteiro fan-

farrão, fazendo consistir a sua valentia em commetter, a salvo, toda a casta de maroteira e attentados á liberdade e aos bons principios, e passa quasi sem opposição. Apparece, raramente, um homem com alguma seriedade e modestia, bastante digno para não fazer a côrte á escoria de todos os partidos, e cahe-lhe tudo em cima, a contrariar-o e a injuriar-o.

E' essa a grande vileza e o grande desastre d'esta terra.

Y.

### Juíz de Direito

Chegou hontem, no comboyo da noute, a esta cidade, o novo juiz de Direito, sr. dr. Francisco Pinto, que amanhã tomará posse do seu alto cargo.

Na gare aguardavam a chegada de s. ex.ª todos os empregados do juizo.

Veio ao nosso conhecimento que pelo Ill.º e Ex.º Sr. \*\*\* (não se diz) tinha sido contra nós requerida mais uma policia correctional, por abuso de liberdade de imprensa.

Percorremos com cuidado todo o numero ultimo do «Jornal de Aveiro», sem, com franqueza, darmos por materia que podesse cair sob a sancção da lei. Resolvemos perguntar qual a causa, qual é ella porque s. ex.ª, a quem desejamos as maiores venturas, e os mais felizes annos, nos processou. Então averiguámos que a principal razão que motivou tal procedimento foi um erro typographico do nosso empregado que compoz em italico o que deveria compôr em typo regular.

Ao que nós estamos sujeitos, crêdinho!

De ha muito que tínhamos resolvido suspender por algum tempo a publicação do nosso semanario, e agora impossivel é voltarmos atraz. E vem isto a proposito, para declararmos que não são as policias requeridas pelo Ill.º e Ex.º Sr. \*\*\* (não se diz) que determinaram a nossa resolução, mas sim outras causas para nós de mais ponderação e importancia do que os devaneios de s. ex.ª

Não é, pois, o medo que nos faz sair do campo onde o sr. \*\*\* (não se diz) não gostava muito de nos ver, e onde por vezes o incommodámos alguma cousa.

Algum dia nos encontraremos, com o mesmo aprumo, e com eguaes doutrinas.

### SYNDICANCIA

Ainda não appareceu o tão fallado relatorio. Já é. E ainda dizem que sim mais que tambem,

Não senhor, tudo corre bem, e os mãos somos nós. Ai, de quem não dissér com a egreja.

## Cartas d'Algures

MEU AMIGO.

Essa falta de conhecimentos, de criterio, de justiça, de dignidade, até, que revelam quasi todos os escriptores portuguezes, principalmente os de character official, quando tratam das invasões francezas e do papel que os inglezes n'ellas desempenharam, chega a causar verdadeira indignação.

Quer vêr o melhor commentario que o sr. Claudio de Chaby faz ao grande desastre do Douro, na invasão Soult? Ora leia, que tem graça.

O sr. Chaby festeja muito um painel que havia na margem direita do Douro,—e não sei se ainda ha,—na parede de uma casa fronteira ao extremo da ponte pensil, que substituiu a antiga ponte de barcas, painel de que eu me lembro muito bem, onde se representava a scena horrorosa que todos conhecem e, mysticamente, escreve depois: «Ante aquelle quadro, muitos annos ha, que no dia 29 de março, a veneranda irmandade das almas de S. José das Taipas, saindo em procissão solemne da sua igreja, eleva ao céu, em devoto resposno, supplicas caridosas pelo eterno descanso dos que na pavorosa tormenta, alli perderam a vida, quando a antiga cidade da Virgem perdia pelo dominio do estrangeiro, a liberdade.—Que merceda e muita homenagem tributada á memoria dos nossos infelizes compatriotas?!—Que magnifico e enternecedor documento da piedade e do amor da patria dos nossos conterraneos portuezes?!—Bem hajam elles, que, a sempre os primeiros na realisacão de todo o pensamento de civilisação e progresso», sabem exemplarmente conservar em sublime alliança, as venerandas crenças da nossa religião augusta, com o mais entranhavel amor da patria e da liberdade. Bem hajam!»

E que lhe parece?

Contra o malandro do bispo, um grande malandro que foi a causa principal d'aquella grande desgraça, e de outras, mal diz quatro palavras de simples desagrado. Contra o brigadeiro Parreiras, que se prestou ignobilmente ás infamias do bispo, nem uma palavra. Contra o famoso Beresford que, para ser agradavel ao bispo, que lhe servia de instrumento, subtrahiu o tal Parreiras ao castigo que merecia, nem uma palavra tambem, antes se revolta contra os que dizem mal do inglez, afirmando, com compunção religiosa, que devemos ser gratos a quem nos serviu e que Beresford prestou relevantissimos serviços a Portugal. Só o que lhe deu no gottó, arrancando-lhe expressões de verdadeiro entusiasmo, foi a procissão da veneranda irmandade das almas de S. José das Taipas.

E que lhe parece?

E que tal o historiador, pago pelo ministerio da guerra, que tal para se extasiar assim diante dos portuezes, sempre os primeiros na realisacão de todo o pensamento de civilisação e de progresso, por elevarem preces ao céu pela alma dos que, fugindo aos francezes, se precipitaram no Douro?

Que diz o meu amigo ao criterio d'esse escriptor?

Concordemos: é preciso paciencia. Mas eu é que a não tenho, nem a quero ter, e por isso hei de desafogar, já que veio a pêlo falar-se n'estes assumptos, toda a minha indignação, mesmo com o perigo de todos os asnos me chamarem maçador.

Lrra!... com sua licença.

Foi na manhã do dia 29 de março de 1809 que se deu a horrorosa desgraça no Douro, quando Souto vinha entrando a cidade do Porto. Eis como Soriano a descreve:

«Entre as sete e as oito horas da manhã do citado dia 29 a retirada era geral em toda a extensão da linha, e os fugitivos, recolhendo-se á cidade, eram perseguidos de perto pelos francezes, que desapiadadamente os matavam, vindo correndo sobre elles pelo sitio da Senhora da Lapa. Muitos houve dos nossos que fugiram para o lado da Foz; mas outros, sendo estes talvez os de maior numero, dirigiram-se para a Ribeira, onde alguns d'elles, cheios de terror, se deitaram logo ao Douro para a atravessarem a nado; outros o conseguiram passar mettidos nos pequenos barcos que a sua boa fortuna lhes deparou, ao passo que o geral d'elles se dirigiu para a antiga ponte de barcos, que em breve se atulhou de uma immensa multidão, onde parte d'ella se estorvava e empurrava a outra, esmagando-se reciprocamente, pelo extraordinario aperto em que se collocaram uns individuos contra os outros, velhos, creanças e mulheres, immenso numero de todas as idades, classes e profissões, quasi tudo a pé; militares em fuga, e tambem mulheres de todas as gerarchias e idades, assim como de todos os estados, tudo absolutamente se achava alli accumulado, ignorando que os primeiros que tinham passado a ponte lhes haviam levantado os algarções, cuidando que por este modo embarcariam aos francezes o passarem-se para Villa Nova, onde tinham a louca esperança de se fazerem fortes, elles que já se não tinham podido defender nas tuhas e fortificações do Porto. Os vencedores, ganhando sem difficuldade as barricadas e cortaduras das ruas, e vindo sempre correndo sobre os fugitivos, atrás d'elles chegaram até á Ribeira, onde o espectáculo se lhes apresentou terrivel. As ondas do povo, que successivamente alli se tinham amontoado, vindo a demora dos que se achavam na frente, e ignorando o fatal precipicio que os esperava a todos para os abysmos, forçavam por lhes accelerar a fuga, impellido-os com a sua maxima força para deante, donde resultava irem sendo inevitavelmente precipitados ao rio Douro todos os que a seu turno iam chegando ao tremendo algarção, por lhes ser impossivel resistir ao impulso que de trás lhes vinha, como resultado de muitas forças parciais destinadas áquelle fim. Por este modo camadas e camadas de infelizes assim se foram sepultando nas aguas d'aquelle rio, e como se isto ainda não bastasse, dizem que a gradaria lateral dos barcos da ponte, que toda era de madeira, arrombando-se, ou quebrando-se em partes, abria outros novos abysmos, que tambem lateralmente vomitaram innumera gente ás aguas do rio.»

Esta foi uma das grandes desgraças que resultaram da invasão dos francezes, e as narradas pelos muitos escriptores francezes e inglezes que escreveram sobre a guerra da Peninsula, foi a da explosão do castello de Almeida.

Foi no dia 26 de agosto de 1810 que as baterias francezas iniciaram o fogo contra Almeida. Logo desde os primeiros tiros foram consideraveis os estragos na praça. A tarde, estavam as casas todas incendiadas. A população, cheia de panico, correu a abrigar-se no castello, como ponto que reputava de maior resistencia e segurança. O que então se passou foi horrivel. A's oito horas da noite sentiu-se um estrondo medonho. Parecia o detonar de mil canhões ao mesmo tempo. A duquesa de Abrantes, que estava em S. Felices, uns poucos de kilometros distantes, confessa, nas suas memorias, que ficou aterrada. Lembrou-se subitamente de 1755 e exclamou cheia de susto: «Meu Deus, que terei eu mais a receiar n'este desgraçado paiz? Será um tremor de terra?» Depois ouviu Junot, do alto de uma collina, onde tinha subido, dizer: «Que admiravel espectáculo! Laura, Laura, vem vêr: Almeida está em chamas.» A duquesa de Abrantes foi, descreve em côres vivas o horizonte em fogo, lá ao longe, por uma noite escura, ouve os gritos de desespero e dor que o vento lhe traz até aos ouvidos e acrescenta: «Havia n'aquelle espectáculo com que commover ainda o coração mais intrepido.»

Junot correu a Almeida. Quando voltou a S. Felices, quartel general do 8.º corpo de exercito que elle commandava, vinha pallido e refere a duquesa que estremeceu ao lembrar-se dos montes de cadaveres e fragmentos humanos que lhe embargavam os passos atravez do negro e ensanguentado entulho d'aquelle castello e d'aquella villa «túmulo de tantas victimas innocentes.»

Quando cheguei a Almeida, meu amigo, a primeira coisa que fiz foi correr ao sitio da grande desgraça. Com a minha imaginação viva e a memoria fresca de tantas leituras não me foi difficil refazer na mente a horrorosa tragedia. Vi tudo, ouvi tudo,

senti tudo como no proprio instante da catastrophe e arrasaram-se-me os olhos de lagrimas.

Pobre patria!  
Infeliz terra!  
Junta a esse cateclismo da ponte do Douro, e a est'outro d'Almeida, os incendios, os roubos, as devastações, os assassinatos, as violações de mulheres, commettidos por inglezes e francezes no nosso desgraçado paiz, e terá uma idéa exacta do que foram essas guerras medonhas no principio do seculo e de quanto o pobre povo soffreu com ellas.

Entretanto o chefe da nação, o rei, fugia covardemente para o Brazil e com elle tudo quanto havia de mais selecto entre nós, barriguinha farta e algibeira cheia. E são os representantes d'esses que fugiram, os netos d'esses sustentáculos da dynastia, os continuadores d'aquelles que tiveram passar a minha terra pelas ultimas humilhações, miserias e desgraças que me veem hoje apregoar de novo a alliança ingleza, o maior apoio, ha seculos, d'esses patifes todos, como indispensavel á nossa felicidade e á nossa independencia.

Ah! pandigossinhos, houvesse muitos a pensar como eu, que vós terieis a resposta immediata e prompta. Infelizmente não ha. A ignorancia, que é profunda, não deixa. A desmoralisação, que é enorme, tambem não.

Mas, voltando á formidavel catastrophe do Porto: quem levantou os algarções da ponte?

A esse respeito pôde o meu amigo, ou qualquer leitor de maior curiosidade, que queira conhecer o caso em todas as suas minucias, lêr o Soriano, tomo 2.º da 2.ª epocha da *Historia da Guerra Civil*, de pag. 144 a 167. Não ha absoluta certeza a tal respeito, mas todas as probabilidades se inclinam a admittir que os auctores da proeza foram dois malandros de primeira força, o bispo D. Antonio José de Castro, um dos governadores do reino, e o brigadeiro Caetano José Vaz Parreiras, governador militar do Porto.

O bispo era um incommensuravel patife. O sr. Claudio de Chaby, que foi sempre um heato de monta, escriptor sem espirito de critica nem de observação, lança a culpa dos assassinatos, commettidos nas pessoas dos officiaes militares pela soldadesca e povo, ás intrigas dos francezes. Segundo elle, Souto e os seus immediatos chegavam á torpeza de fingir correspondencia com varios chefes militares portuguezes, correspondencia que faziam cahir de proposito na mão do povo para este assassinar os officiaes, vendo-se assim os francezes livres d'elles. Soriano tambem o affirma. Ora ainda que haja alguma coisa de verdade n'esse ponto, certo é, como o proprio Soriano tambem affirma, que a causa principal d'esses assassinatos não foram os manejos dos francezes, mas a propaganda estúpida e reaccionaria de varios malandros, entre os quaes apparece como figura principal o bispo do Porto,—contra os infelizes, apontados ás turbas ignaras como pedreiros livres. E assim foram victimas, não só os officiaes militares, como muitos paizanos de valor e consideração.

«Enfurecida a plebe—*Historia da Guerra Civil*, tomo 2.º, 2.ª epocha, pag. 144—por similhante causa, (a noticia da derrota de Braga) dirigiu-se á prisão onde estava o infeliz brigadeiro Luiz de Oliveira e mais quatorze pessoas de diversas gerarchias, e arrancando-as para fóra d'ella, a todas cruelmente assassinou, arrastando depois pelas ruas os cadaveres dos assassinados, como prova do seu feroz triumpho. No sitio chamado a porta do Olival, que hoje tem o nome de *Largo dos Martyres da Patria*, (Porto) a mesma plebe se formou n'uma especie de tribunal, onde se designavam as victimas que de prompto se iam buscar, e nas ruas se assassinavam, ainda antes de chegarem a tão infernal congresso. O bispo via tudo isto impassivelmente, reputando as victimas sacrificadas como outros tantos inimigos, que de menos tinha para a continuação da sua omnipotencia. Da grande elevação a que subira por tão indignos meios ninguem havia no reino capaz de o derrubar.»

Pelos mesmos processos e manejos foram assassinados o general Bernardim Freire de Andrada, o quartel

mestre general Custodio Gomes Villas Boas, etc. E querem os senhores clericos, hoje, uma cadeira de ensino religioso nos lyceus! Andam para ali a pedil'a com furia! Pois dêem-lhe a cadeira, mas com a condição de se crear outra para a historia especial da dynastia de Bragança e ainda outra para a historia especial dos contractos, allianças e relações particulares entre Portugal, representado pela dita dynastia, e a Inglaterra, cadeiras regidas por quem provar nunca ter bebido chá ou roído um osso á meza ou debaixo da meza dos caciques da politica indigena. Senão, não. Senão, em vez de cadeira dêem-lhe um banco, não mocho, mas corniculado como a cobra do Egypto, para honra do coccyx e prazer do esphincter. E então, sté pôde dar lições, sentado n'elle, o nosso patricio Bicheza.

Mas, voltando ao padre, o marialho, que tanta coragem tinha para os assassinatos dos jacobinos, tinha muito menos para vêr a cara aos francezes e por isso tratou de se safar logo que viu modos d'estes entrarem no Porto. Como um dos governadores do reino, e pela subserviencia abjecta do governador militar do Porto, o tal Parreiras, creado submisso e indigno do bispo, era o padre quem presidia a todos os serviços militares. O seu dever, pois, era ficar á frente das tropas, já que n'esse posto se tinha collocado e n'elle havia figurado sempre. O malandrete, porém, dizia a isso que mandar com risco não lhe convinha, e lá se foi, na noite de 28 para 29 de março, com o brigadeiro ao lado, o famulo, para o outro lado do rio, sem se esquecer da *caixa militar*, por causa das duvidas, nem de levantar os algarções da ponte, para ficar com o lombo mais seguro e tranquillo.

Assim desertaram indignamente os dois chefes da resistencia militar e civil, deixando a cidade entregue aos horrores d'uma devastação e preparando aos fugitivos a formidavel racteira da ponte sobre o Douro.

Perguntar-se ha agora: e qual foi, contra os dois malandros, o procedimento d'esse Beresford, d'esse militarão, d'esse terrivel disciplinador, cuja memoria o sr. Chaby e outros que se prestão a serviços que nos prestou?

Ora, qual foi!... Foi a de sempre. Foi a das suas eternas conveniencias. Quando lhe convinha que os tribunaes condemnassem, ordenava-lhes que condemnassem. Quando lhe convinha que absolvessem, ordenava-lhes que absolvessem. Condenavam-se innocentes? Absolviam-se criminosos? Era o mesmo. Se não se tratava de justiça, mas de conveniencias...

Justiça era uma palavra vã. Os tribunaes militares não tinham independencia nenhuma. Sempre que os juizes não procediam como o dictador desejava, Beresford descompunha-os e ameaçava-os. Não faltam as provas d'isto nas celebres *Ordens do dia*.

Que justiça era essa e que justiceiro era aquelle? Que garantias offereciam tribunaes, que tinham de julgar sob uma pressão de tal ordem?

Contra o bispo não houve procedimento nenhum, porque era uma creatura de Beresford, um instrumento passivo nas mãos do dictador, e que a este muito convinha por ser um dos governadores do reino. Parreiras respondeu a conselho de guerra, mas foi absolvido, porque era famulo do bispo. Estava provado que Parreiras não empregara os meios convenientes para defeza do Porto, que não cumprira ordens superiores, que abandonara o seu posto em frente do inimigo, uns poucos de motivos para ser umas poucas de vezes arrebuzado. Foi absolvido, e Beresford confirmou a sentença, está claro.

O infeliz Costa e Almeida é accusado de traição. Não se lhe prova a traição mas prova-se-lhe uma supposta covardia. Não fugiu deante do inimigo. Não abandonou o seu posto. Estava farto de provar a sua valentia em varios combates. Tinha tão pouco medo da morte que não quiz fugir para a evitar, nem mesmo depois de vêr, andando em liberdade por Lisboa, a sentença confirmada na *Gazeta de Lisboa*. Mas a Beresford convinha-lhe a condemnação do infeliz. Arranjou-se uma testemunha para declarar, contra o depoimento cathorico de meia duzia, que o desgra-

çado se abrigara do fogo n'uma casa-mata e tanto bastou para que o tribunal o condemnasse á morte. Assim o exigia o dictador. Nem era preciso mais nada.

Não queria Beresford agora que o brigadeiro Parreiras, cujo crime estava abertamente provado, fosse condemnado e não foi condemnado. Eis tudo.

Descompoz, entretanto, Beresford o conselho de guerra. Porque? Por ter absolvido o governador militar do Porto? Não. *Por se ter occupado mais em julgar as pessoas que depozeram que o accusado.* E, ao mesmo tempo, não publicou a sentença, a qual, segundo declarou n'uma ordem do dia, continha *coisas estranhas*.

Soriano acha muito exquisito isto e attribue-o á circumstancia de Parreiras se ter defendido com o bispo, deixando este muito comprometido. Eis então porque Beresford não publica a sentença, onde o bispo apparece muito mal collocado, e eis porque descompoz o conselho, por ter trazido o bispo para a baila.

E' o que supõe Soriano, e supõe bem a nosso vêr. De resto, era esse sempre o systema de Beresford, ao contrario do que Soriano affirma. Não tinha Soriano que estranhar. No processo de Costa e Almeida fez o dictador a mesma coisa. Em primeiro logar, constituiu o tribunal illegalmente, compondo-o de officiaes de patente inferior á do réo, contra as leis de então, contra as leis de hoje, contra as leis de todos os tempos e paizes. Em segundo logar, supprimiu no processo o depoimento de uma testemunha. Isto fóra todas as outras illegalidades, já por nós referidas. Que tinha Soriano que se admirar de Beresford não publicar a sentença que absolveu Parreiras? O dictador só fazia o que lhe convinha. Estava isso nos seus processos. Sempre foi assim.

O sr. Chaby quer que elevemos nos nossos corações um altar de gratidão ao inclito Beresford. Porque? Porque disciplinou e organizou o nosso exercito?

Ora, antes de tudo, eu queria que o sr. Chaby começasse por manifestar a sua indignação contra aquelles que, pelo seu abandono e desleixo, tornaram preciso ir buscar á Inglaterra um disciplinador e organisador do nosso exercito. Um povo de guerreiros, que chegou á extrema miseria d'ir buscar lá fóra um sargento-mór para preparar para a guerra! Vê isto o sr. Chaby e não tem palavras de indignação para fustigar as faces dos governantes que levaram o paiz a tal aviltamento!

Depois, desejaria eu que o sr. Chaby se lembrasse de que se ha aqui motivos para gratidão é a Inglaterra que a deve ter para commosco, e não nós para com ella, como demonstrarei na carta seguinte.

Nós fomos a carne de canhão da Inglaterra. Nós fomos o seu elemento de resistencia. Nós fomos seu ponto de apoio contra Bonaparte. E havemos de ser nós que lh'o havemos de agradecer!

Beresford era um disciplinador? Tinha meritos como tal? A Inglaterra, por conta de quem elle trabalhou, que lh'o agradeça. Nós, não, já porque não foi a nós que elle prestou o serviço, já porque esse homem foi um despota, o mais terrivel elemento de reacção que veio a esta terra, contra a grandeza, a emancipação, a liberdade da qual trabalhou sem cessar, não hesitando em sacrificar aos seus interesses, de accordo com os reaccionarios de todas as côres e feitiços, a honra da nação e o bom nome e a vida dos melhores dos seus filhos.

E aqui tem o meu amigo porque eu não perdô a Chabys, a Fernandes Costas, a todos esses que, sem consciencia ou com ella, vão a reboque dos inglezes, aceitando como bom e de lei tudo quanto de injusto e falso elles nos quizeram e querem impingir.

E continuarei. Já agora vou até ao fim.

Algures, 16—2—99.

A. B.

THEATRO AVEIRENSE

Vae muito adeantada a assignatura para as récitas que nos proximos dias 21, 22 e 23ahi vem dar a companhia da insigne actriz Lucinda Simões.

Justifica-se pelo interesse que sempre ha em vêr o trabalho da genial artista e pela vontade de conhecer as duas peças de Sardou e Ibsen.

Dr. André Reis

De regresso do Rio de Janeiro, está entre nós este nosso velho amigo que, em companhia de sua ex.ª Esposa, vem para viver em Portugal.

S. ex.ª não sabe ainda a localidade em que fixa a residencia e demora-se em Aveiro alguns dias.

Damos-lhe as boas vindas e muito estimámos vel-o cheio de saude.

JOÃO RONÃO

Fechou-se hontem a inscrição para o jantar offerecido áquelle distincto professor pelos seus discipulos.

Attingiu um elevado numero. O jantar realisa-se no proximo dia 28, no salão do Gymnasio Aveirense.

Carta de Lisboa

4 DE FEVEREIRO DE 99.

Veste a cidade do Porto no dia d'hoje galas para commemorar o ceutenario do nascimento do grande reformador do theatro nacional, seu filho dilecto Almeida Garrett. E' digna d'esta apothose a memoria do divino dramaturgo e poeta que tanto prestou a patria e a liberdade, circumstancia esta, que o forçou a provar, como tant'outros illustres caudillos do seu tempo, o pão pouco confortavel do exilio.

A esta deificação associa-se, creio eu, o paiz iuteiro e quando digo paiz iuteiro, tenho em mente dizer a parte da população sensivel á comprehensão das produções subteis do seu refulgente engenho.

Garrett, manifestou-se distincto em varios ramos do conhecimento humano. Assim, vem o poeta, dramaturgo, jornalista, romancista, diplomata e ainda orador eloquente, quiçá obedecendo mais aos moldes d'um classicismo frio, que aos arrebatamentos ferocis e impetuosos do rei da tribuna parlamentar portugueza. Tal era o fleugmatico adversario de José Estevão.

Estes dois collossos da tribuna portugueza lutaram como cyclopes, até que ulteriormente o duello rememoravel de *Porto-Pyreu* os definiu e os collocou nas devidas proporções. José Estevão era mais meridional, e como tal mais ardente e irresistivelmente dominador, attributos estes, que algumas vezes puzeram em cheque a fleugma comprovada do eminente auctor do *Alfagema de Santarem*. Garrett era mais academico; todavia menos arrebatador, entusiasta e tocado do sobrenatural. Ambos se degladiavam tenazmente, porém ambos se distanciavam pelos seus temperamentos distinctos.

Um, filho das alcantiladas margens do Douro caudaloso, onde a energia e a intransigencia tudo supera e corrige, quer sejam desmandos plutonicos e desagradecidos recortes do littoral, quer ainda regimens archaicos incompativeis com a philosophia do direito. Assim o provam o alevantado das suas imposições ante o poder central e os successos politicos occorridos após a invasão franceza.

Outro, das edemicas margens

do placido Vouga os primeiros raios solares viu. Mas, assim como um nasceu n'um meio naturalmente energico, José Estevo, supremo capricho do acaso! surgiu d'um meio de animos anestesiados, de genios remanados, a despeito do constante barafusta e do incaulescente amor patrio alardeado por naturaes.

Eis o verdadeiro synchronismo do assumpto. Quem diria que o mais radiante astro da eloquencia nacional, o mais ardente dos revolucionarios, teria por patria a terra da frivolidade?

Evidentemente o grande filho de Aveiro foi uma excepção providencial.

Jonathan, parece comprazer-se em sophisnar o mandato de que a providencia naturalmente o investiu. Acaso olvidaria já os transe que affrontou ao conquistar a sua romanesca emancipação? Não terão os tagalos direitos identicos aos seus de 1776?

O primeiro signal d'alarime já foi solto por Aguinaldo, á frente dos seus heroicos guerrilheiros. Ha mezes dizia eu duvidar dos intuitos generosos e altruistas dos yankees; eis que se confirma o que asseverava, pois que, segundo os ultimos telegrammas, os Filipinos resolveram responder com represalias aos sophismas e indignidades commettidas pelos americanos nas linhas militares de Manilla.

E' hem triste esta orientação que Mac-Kinley a todo o trause intenta seguir, a despeito dos esforços dos demokratas no parlamento.

Uma das notas altamente discordantes, ferida recentemente pelos Estados-Unidos, foi, sem duvida, a approvação nas camaras do projecto de lei que fixa o effectivo do exercito americano em tempo de paz em 100.000 homens, facto este, que muito deslustra e abastarda a obra sympathica de Washington. Democracia agaloadá e oppressora, eis o que nunca podemos admitir na terra classica da liberdade, no paiz que libertou os escravos da tyrannia dos Cresus do sul e, generosamente lhes concedeu regimem, protecção e paiz, razão porque hoje existe a sympathica republica da Liberia na costa occidental d'Africa. Quem por varias vezes se tem exposto ás contingencias d'um conflicto armado, no intuito generoso e humanitario de defender os direitos indiscutíveis das debéis republicas suas congéneres do Novo-Mundo, contra o apocadado escrupulo de nações ambiciosas ao ultimo grau, não pôde operar uma mutação de consciencia tão brusca quanto revoltante, na sua missão altruista e redemptora perante povos oppressos pela tyrannia burocrato-fratesca de seculos. Eis o que não é crível suppór e, oxalá Mac-Kinley se persuada do quanto irreflectida e erradamente tem procedido, n'esta liquidadação final de responsabilidades historicas.

M. Dias Ferreira.

LITTERATURA  
A BEIRA DA MORTE

Ha já alguns annos que, em uma manhã do mez de dezembro, levantava ferro do porto de Liverpool um grande navio a vapor, que levava a bordo mais de duzentas pessoas, entre as quaes setenta homens de equipagem. O capitão e quasi todos os marinheiros eram inglezes. Entre os passageiros havia alguns italianos: tres senhoras, um padre e uma companhia de musicos ambulantes. O navio dirigia-se á ilha de Malta. O tempo estava escuro. Fazendo parte dos viajantes de terceira classe á prôa, havia um rapaz italiano de doze annos, pequeno para a sua idade, mas robusto, um bello rosto ousado e severo de siciliano. Estava só junto ao mastro do traquete, sentado em cima de um montão de cabos, ao lado de uma mala usada, que continha a sua roupa, e sobre a qual apoiava uma das mãos. Tinha o rosto trigueiro e os cabellos negros e ondulados, que quasi lhe cobriam os hombros. Estava vestido pobremente, com uma manta já gasta, sobre as costas, e uma velha bolsa de coiro a tiracollo. Olhava em torno de si com ar melancolico, para os passageiros, para o navio, para os marinheiros que passavam correndo e para o mar inquieto. Tinha a apparencia de quem acabava de soffrer uma grande desgraça de familia. O rosto de uma creança e a expressão de um homem. Poucos dias depois de sair do porto um dos marinheiros do navio, um italiano, com os cabellos grisalhos, appareceu á prôa trazendo pela mão uma rapariguita; e, parando defronte do pequeno siciliano, disse-lhe:

— Aqui tens uma companheira de viagem.

Deixou-a ficar e seguiu. A rapariga sentou-se sobre o montão de cabos ao lado do rapaz. Olharam um para o outro.

— Onde vaes? perguntou-lhe o siciliano.

A pequena respondeu:  
— A Malta, por Napoles. — Depois acrescentou: — Vou encontrar-me com meu pae e minha mãe, que me esperam. Eu chamo-me Julieta Faggiani.

O rapaz calou-se. Pouco depois tirou da sua bolsa pão e fructas secas; a rapariga tinha biscoitos; comeram.

— Alegrae-vos! gritou o marinheiro italiano, passando rapidamente. Vae começar o baile.

O vento ia augmentando e o navio balouçava com força. Mas como nenhum dos dois enjoava, pouco lhes importava isso. A rapariguinha sorria. Tinha approximadamente a idade do seu companheiro, mas era muito mais alta; de resto trigueiro, delgada, um pouco fraca, e vestia mais que modestamente. Tinha os cabellos curtos e encaracolados, um lenço vermelho em volta da cabeça e duas argolinhas de prata nas orelhas. Comendo, iam contando a sua vida.

O rapaz não tinha pae nem mãe. O pae, operario, tinha morrido em Liverpool poucos dias antes, deixando-o só, e o consul italiano tinha-o

mandado para o seu paiz, Palermo, onde tinha alguns parentes afastados. A rapariguinha tinha sido levada para Londres, o anno anterior, por uma tia viuva, que a estimava muito, com consentimento de seus paes, pobres, que a deixaram ir por algum tempo, confiados na promessa de uma herança; mas poucos mezes depois a tia morrera esmagada por um omnibus, sem deixar-lhe um centesimo, vendose obrigada a recorrer ao consul, que lhe tinha arranjado a passagem para a Italia. — De modo que... concluiu a pequena, meu pae e minha mãe esperavam que eu voltasse rica e em vez d'isso volto pobre como vim. Mas não de estimar-me da mesma maneira. E meus irmãos tambem. Tenho quatro, todos pequenos. Eu sou a mais velha e sou eu que os visto. Não de fazer-me muita festa ao vêr-me. Hei de entrar em casa dos pontinhos de pés... O mar está feio.

(Continúa.)

INUNDAÇÃO

Com os temporaes que tem feito, o rio Vouga e o Agueda levavam uma grande corrente, engrossando extraordinariamente as suas aguas com as que vem das serras proximas, inundando os campos que os marginam.

Bicheza anda cheio de medo por causa de um enorme canzarão que ha ali para os lados do Alboj. Diz elle—Bicheza—que o animal ataca os transeuntes e as creanças indefeças.

E' pena que ainda não tenha atacado este figurão pelo coccyx. E' que se conhecem...

Procissão de cinza

Com um tempo magnifico sahii na passada quarta-feira da Ordem Terceira de S. Francisco a procissão de cinza.

O prestito ia na melhor ordem, percorrendo o itinerario do costume.

A concorrência de povo foi grande.

Parece que teremos para a proxima feira de Março a companhia *Lisbonense*, que vem a esta cidade dar uma série de representações durante o periodo da feira.

Vamos, pois, passar algumas noites agradaveis.

O CARNAVAL

Passou quasi desapercibido entre nós o velho folgasão.

Na terça-feira choveu toda a tarde, impedindo por isso que alguns mascarais saíssem para a rua.

Os hailes, á noite, é que foram muito concorridos, dançasse com muito entusiasmo até depois da 1 hora.

Do tronco roido já só havia metade, fendido, todo estalado, negro. Parecia que lhe tinha pegado o fogo e lhe levára o resto.

Fôra aquelle tronco aberto ao vento, como um capote enfarrapado de mendigo, que cobria o seu ultimo amor. Lá estavam ainda os fetos de que ella tivera tanto medo. Lembrava-se bem... Tinha-a encontrado na fonte.

E' verdade! Como estaria a fonte?...

A fonte estava na mesma, enterrada n'uma cova para que se descia por uns degraus gastos de pedra toda comida de relva. A agua sahia d'um cano de ferro a babarse, roido de ferrugem, para sumirse logo na terra aberta e fresca da florescencia verde dos agriões.

Em cima corria á volta um muro de pedra, muito gasto de debruçar dos namorados, alegre como uma bocca desdentada de velho bom a rir de uma historia alegre.

Os que se realisaram no Grenio Aveirense tambem correram com animação.

A casa achava-se decorada com lindo gosto.

E assim terminou o carnaval de 99.

Expediente

Aos nossos estimaveis assignantes a quem seja apresentado o competente recibo, pedimos a fineza de o satisfazerem para nos evitarem despezas.

Todos os negocios referentes á administração d'este jornal tratam-se com o gerente, João Pinto Evangelista, rua do Sol, n.º 10.

AVE-AZUL

Revista de Arte e Critica

A *Ave-Azul* são os fasciculos mensaes de 64 paginas. Publicará, além de prosas e versos inéditos dos seus directores, uma secção *SALLA DE VISITAS* com versos e prosas inéditas de Novos. Cada fasciculo terá mais as seguintes secções: — *Chronica*; *Portugal lá fóro*; *Artes & letras*; *Registo Bibliographico*; *Revista das Revistas*; *Critica* de obras recentes; etc. As ultimas 16 paginas de cada fasciculo serão destinadas á publicação d'um ROMANCE INEDITO ORIGINAL paginado de fórma a constituir volume á parte. Esse o motivo de os fasciculos não serem brochados.

Annunciar tambem, nas faces interiores da capa, obras que receba um exemplar ou segundo contracto particular com a administração.

Condições da assignatura

*Portugal e Hespanha*: 25000 réis, e mais um tostão para o porte do correio, fóra de Vizen; *Paizes da União-Postal*: 10 francos, *Brasil*: 125500 réis francos; *Provincias Ultramarinas*: 25500 réis; *Avulso*: 200 réis.

A assignatura deve ser paga, depois de recebido o 1.º fasciculo, em vale do correio dirigido á administração da *Ave-Azul*. As assignaturas que não estejam pagas depois de publicado o 2.º fasciculo, serão cobradas pelo correio ou por outra qualquer fórma até á publicação do 3.º fasciculo.

Os assignantes da *Ave-Azul* receberão, ao fim de cada série, como brinde, uma elegante encadernação em percalina. Por isso a capa actual de cada fasciculo é apenas um envoltorio.

CANDIEIROS



PARA liquidar vendem-se todos os candieiros de luza petroleo por menos do seu custo. Ha grande variedade de estes e de todos os seus pertences: depositos, bocas, globos, tulypas, abatjourns, torcidas, chaminés, etc.

Especialidade em chaminés estrangeiras de superior qualidade.

Unica casa habilitada a concertar e transformar com perfeição toda a qualidade de candieiros de petroleo, gazolina e azeite.

M. J. Soares dos Reis

19. Rua dos Mercadores, 23

Tambem lá tinha o seu lugar. De longe parecera-lhe vel-o occupado por alguém a debruçar-se sobre a fonte: era a mancha escura dos fetos verdes, os guardas bons dos sitios abandonados.

Olhou a fonte. Ninguém! Tambem não podiam tardar!

Tornou a olhar a agua, sorrindo para a sua imagem distante, confusa, como vista atravez de prata em fusão.

Os fetos lambiam-lhe o rosto. Como estava trigueiro! Era do ar da serra! O seu cabelo parecia mais louro, como chamma d'ouro a arder, e tão grande!... Debruçou-se mais e pôz-se, com as mãos espalmadas, a puxal-o para a face, a ajudar os fetos que o lambiam para ir beijar-lhe os olhos!

Alguem rira! Era a Nossa Senhora do nicho que estava a vê-lo e a rir-se como a da serra.

Porque riria tambem Aquella? O Sauro trepou rapido para o

LOJA DO POVO  
(Baixos do Hospital)

N'ESTE estabelecimento encontra-se sempre um bonito sortido, tanto em vidro como chrystaes.

Especialidade em candieiros de petroleo, por preços muito commodos.

Serviços completos de chrystaes e de meio chrystal, o que ha de mais bonito gosto.

Generos de mercearia e objectos de escriptorio.

R. Direita—AVEIRO

Estabelecimento de Mercaria  
DE  
MANUEL ROIZ DA GRACA—alfandega  
PARTICIPA que acaba de lhe chegar um variado sortido de botellas das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços baratos. Tem tambem vinhos finos desde 250 réis para cima, e todos os generos de mercearia.

Bom Vinho  
DA  
BEIRA ALTA  
NA TABERNA DE  
Joaquim de Pinho Vinagre & Filho  
A Praça do Pelxe  
RUA DO CAES  
AVEIRO

N'esta acreditada taberna vende-se vinho da Beira Alta de superior qualidade a 90 réis o litro, e tambem geropiga a 140 réis o litro.

nicho e pôz-se a conversar com Ella, a contar-lhe a sua vida toda, desde que A deixára e á aldeia, a amisade do pastor, a sua vida na serra...

Muito bom era a serra! Até tinha engordado. E negro então? Era do sol. Pudéra! Se elle, mal nascia, logo na serra, e na serra se demorava até tão tarde, depois de deixar o valle escuro! E mostrava a sua carne dourada, como se corresse nas suas veias a luz do raiado do sol a pôr-se!

— E na Aldeia? Havia muitas raparigas? Ainda vivia a da Azenha? Quantas tinham casado? Provavelmente todas...

NOSSA SENHORA sorria e calava-se. Bem sabia Ella d'essas cousas...

(Continúa.)

T. C.

(5) FOLHETIM  
UMA NOITE, VESPERA DE S. JOÃO  
(FRAGMENTOS)  
AMOR DE SANTO

Havia arvores que pareciam fugir da terra, e elevar-se envoltas no vestido leve do gaze bordado a branco, de que as cobriam as flores brancas tantas e tão miudas.

A renda verde da folhagem fina das acacias andava a bordar-se d'ouro em flores.

Os taludes cobertos de relva verde, fina, macia, muito equal, pareciam talhados em verdura por um jardineiro antigo, e as flores vermelhas do pecegueiro voavam como insectos sobre os troncos tão finos a tremer ao vento que pas-

sava, humido, quente e perfumado. No fundo dos vallados corriam, em ondas d'ouro e leite, regatos de malmequeres, e da relva verde levantavam-se em haistes muito finas flores douradas, em que parecia soar como em campainhas a alegria da terra que na primavera ri seu riso de creança.

Sorrisos em toda a parte. Nas rugas fundas dos rochedos soam florescencias d'ouro, riem risos de seda as flores vermelhas das papoulas!

Muito novinha era a terra! Velho, apenas um castanheiro encrustando no céu azul, fresco, muito lavado, os ramos sem folhas, torturados, duros de bronze, em que os musgos punham manchas verdes claras d'oxidadação. As raizes á mostra, secas, fechavam-se sobre os rochedos, regidas e nodosas como as linhas dos pés magros dos velhos a agarrarem-se ao chão para não cahirem ao andar.

# ANNUNCIOS E RECLAMOS

## CURSO PARTICULAR DO MAGISTERIO

SOB a direcção do professor do Lyceu, Elias Fernandes Pereira, abriu já, na rua da Fabrica, d'esta cidade, este curso de habilitação para o Magisterio Primario, de que tambem fazem parte os professores, José Casimiro da Silva e Jayme de Vasconcellos, a qualquer dos quaes podem ser pedidos esclarecimentos.

## TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO  
Rua da Alfandega

## BICO NACIONAL AUREO

LUZ BRILHANTISSIMA.  
SEM CONCORRENCIA. ECONOMIA  
DE 50 P. C.

Medalha de prata na Exposição Industrial Portugueza de 1897

## Incandescencia pelo gaz, petroleo, gazolina e alcool

O unico que mantem durante oongo prazo um poder illuminante de 75 VELLAS

Na nossa fabricação não existe nenhuma das formulas apresentadas por K. A. de Welbach, estando portanto ao abrigo das leis, não só a empresa como todos os nossos clientes.

Unico empregado como base do producto illuminante o calcium, rubinium e a platina.

VENDAS A PRESTAÇÕES DE 500 RS. MENSAES

Cuidado com os imitadores

A unica casa que vende o Bico Aureo é na

RUA AUREA, 200, 1.º—LISBOA  
Agencia no Porto

Carlos Dêssa Pereira da Costa

8, R. Nova de S. Domingos, 8

Em Aveiro

Domingos Vieira Guimarães

Praça do Commercio

Na Venesiana Central, aos Balcões, encontra-se um dos nossos bicos em exposição.

## BICO

# VENCEDOR

O melhor e mais barato

Luz brilhante e grande economia no consumo do gaz

Mangas para bicos de qualquer systema. Glóbo, tulipos, chaminés de mica, etc.

Recebem se encomendas e dão-se todos os esclarecimentos no estabelecimento de Merceria e confeitaria de

RICARDO PEREIRA CAMPOS

Praça do Commercio

AVEIRO

## SAPATARIA AVEIRENSE

DE

# Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

JAYME DUARTE SILVA

ADVOGADO

Rua do Sol—AVEIRO

# JOSÉ GONÇALVES GAMELLAS

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado Vinho de Bucellas importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

# FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO, MILHO E DESCASQUE DE ARROZ

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, sêmas e arroz nacional.

Compras de milho, trigo e arroz com casca, tanto por junto como a retalho.

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

Vinho de Collares — Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

## CONSULTORIO MEDICO-CIRURGICO

Alvaro de Moraes Ferreira, consulta diariamente, das 12 horas da manhã ás duas da tarde, na pharmacia Ribeiro, rua Direita, Aveiro: e das 10 ás 12 da manhã, em casa do sr. João de Oliveira, em Esgueira, todos os domingos e dias santificados. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite, e, fóra d'aquellas horas, na sua residencia.

Rua da Rainha n.º 1 ou largo do Rocio, 42 a 44

ALFAIATERIA

DE

JOÃO PINTO DE MIRANDA

RUA DOS MERCADORES

Aveiro

Participa nos seus ex.ºs frequezas ter aberto a estação de inverno.

## MORANGOS

MORANGUEIRAS das melhores qualidades.

Vendem-se na quinta de Francisco Ferreira, no Alto de ESGUEIRA.

## EDUCAÇÃO NACIONAL

JORNAL PEDAGOGICO

De collaboração distincta dos primeiros pedagogistas de Portugal e de professores mais conceituados

Sae, com regularidade Irreprehensivel, aos domingos

Em todos os numeros ha secção doutrinar, litteraria e variadas notas e informações, além da permanente secção dos actos officiaes da instrução publica.

E' um jornal indispensavel a todos os professores e amantes da instrução nacional.

A assignatura annual custa 1\$600 éis, e meio anno 800 réis. Pagamento ántado.

Redacção e administração—Campo dos Martyres da Patria, 21—Porto.

## Hotel Cysne Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo acce e seriedade com que se trata

Serviço de meza, todos os dias, até á meia noite

TRENS A TODOS OS COMBOIOS

## PHARMACIA SANTOS

Esgueira—Aveiro

SERVIÇO PERMANENTE

Consultas todas as quintas-feiras e domingos

JOAQUIM PEIXINHO

ADVOGADO

Rua da Alfandega

## ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Gam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Deposito de bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria.

Lonças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B. — Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

## VIDAL OUDINOT

PHARMACIA

A' PRAÇA DE LUIZ CYPRIANO

SERVIÇO PERMANENTE

OFFICINA DE CALÇADO

DE

JOÃO PEDRO FERREIRA

AOS BALCÕES—AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e solidez todos os trabalhos concernentes á sua arte. Preços convidativos.